



## CIÊNCIA E SENSIBILIDADE

Equipe médica faz relato emocionante sobre recuperação de Giuseppina Nerozzi de Souza, 94 anos, contaminada pela Covid-19

Página 8

# DOCENTES AVALIAM TROCA NO MINISTÉRIO DA SAÚDE

Página 8

#OrgulhoDeSerUFRJ

# E@D

## educação a distância na quarentena

### funciona?

### pra quê?

### pra quem?



> Edição especial da AdUFRJ debate em cinco páginas os desafios dos professores em tempo de quarentena. O tema vai além da discussão entre ser contra ou a favor do ensino a distância e mostra a preocupação dos docentes da UFRJ com a manutenção do vínculo acadêmico com os alunos e o respeito à diversidade do corpo discente. Na última quarta-feira, o Conselho de Ensino de Graduação começou a debater possíveis cenários de retorno às aulas. **Páginas 2 a 6**



# O que fazem os professores na quarentena? Trabalham

>Docentes redirecionam o tempo para atividades administrativas, de pesquisa ou de extensão após a suspensão das aulas de graduação e pós. “Mundo acadêmico não para”, diz professora da Gastronomia

LUCAS ABREU  
lucas@adufrrj.org.br

pesquisa pelo zoom”, lamenta. “E eu moro sozinha”. Letícia mantém um projeto de extensão de forma remota (leia mais na página 3), mas diz que não conseguiria dar as duas disciplinas de graduação deste semestre pelos meios virtuais. “Vários estudantes não têm acesso a computador ou internet em casa. Pelo celular, tem coisa que não dá para fazer. Essa é a realidade dos nossos alunos da UFRJ”, completa.

Para a professora Kátia Tavares, da Faculdade de Letras, o período também é de muito trabalho. Seu grupo de pesquisa trata justamente sobre o uso de tecnologias digitais na educação. Ela aproveitou o momento para intensificar os trabalhos, coletando informações a respeito do tema, sobretudo de práticas que estão sendo adotadas no ensino básico e superior.

Reuniões presenciais foram todas transformadas em virtuais. Na pesquisa, com colaborações espalhadas pelo Brasil, o apoio tecnológico era normal. “Mas uma oficina com especialistas, que seria na Uerj, foi transferida para o Zoom”, diz Letícia.

A professora cita um efeito colateral da quarentena. Com a população confinada em suas casas, cresce a utilização da internet e diminui a qualidade do serviço. “Nunca tive problema aqui em casa. Mas, semana passada, a conexão estava caindo toda hora durante uma videoconferência do grupo de

pesquisa pelo zoom”, lamenta. “E eu moro sozinha”.

Letícia mantém um projeto de extensão de forma remota (leia mais na página 3), mas diz que não conseguiria dar as duas disciplinas de graduação deste semestre pelos meios virtuais. “Vários estudantes não têm acesso a computador ou internet em casa. Pelo celular, tem coisa que não dá para fazer. Essa é a realidade dos nossos alunos da UFRJ”, completa.

Para a professora Kátia Tavares, da Faculdade de Letras, o período também é de muito trabalho. Seu grupo de pesquisa trata justamente sobre o uso de tecnologias digitais na educação. Ela aproveitou o momento para intensificar os trabalhos, coletando informações a respeito do tema, sobretudo de práticas que estão sendo adotadas no ensino básico e superior.

“O mundo virou um grande ambiente de pesquisa para nós”, contou. “Estamos usando esse momento para investigar as práticas, entender as dificuldades, conhecer os desafios dos professores que estão tendo que migrar para o ensino a distância”. No seu grupo de pesquisa, diversos profissionais da educação básica ajudam na observação e coleta das informações.

Além disso, as atividades ordinárias da professora seguem a todo vapor. “Eu continuo me reunindo, virtualmente, com meus orientandos, já que o trabalho deles também não parou”, disse. “Nesse período, participei



da banca de doutorado de uma orientanda minha”, afirmou a professora, que calcula fazer jornadas de trabalho de 8 a 10 horas diárias, sem contar o período que usa para atender aos alunos de graduação, que estão fazendo atividades remotamente (leia na página 3).

No dia 16 de março, o CEPG publicou uma resolução autorizando as defesas de teses e dissertações de maneira remota por videoconferência. Desde então a rotina segue intensa para a formação de bancas de mestrado e doutorado. O professor Claudio Franco, que esteve em uma banca de doutorado

na semana passada, sente que durante a quarentena o ritmo de trabalho está ainda mais intenso. “Todo dia é uma segunda-feira”, contou.

Franco também oferece parte das suas disciplinas na graduação de maneira remota e acha que, durante esse período de afastamento, os alunos têm exigido mais da sua atenção que o normal. “Tem demanda todo dia, e como eu sou hiperconectado, preciso me concentrar e dedicar horas específicas da semana para responder”, explicou. “Isso é importante para que o professor possa controlar o seu próprio tempo”. Mesmo assim,

reconhece que o volume de trabalho aumentou. “O número de mensagens é maior. Talvez em um período normal, os alunos esperassem um pouco mais para me acionar diante de um problema, mas agora acho que estão mais ansiosos”.

A professora Emília Cristina Benevides de Freitas está dividindo seu tempo entre a sua pesquisa de doutorado e o atendimento dos alunos. “Disse que podem me escrever na hora que quiserem, e acabo respondendo quase em tempo real, porque fico mais alerta para as mensagens que recebo”, relatou. (colaborou Kelvin Melo)

ENTREVISTA | BRUNA WERNECK DESIGNER INSTRUCIONAL NA FUNDAÇÃO CECIERJ

## “OS PAIS VIRARAM GERENTES DAS TAREFAS ONLINE DOS FILHOS E ESTÃO ENLOUQUECENDO”

KELVIN MELO  
kelvin@adufrrj.org.br

Bruna Werneck trabalha há seis anos como designer instrucional na Fundação Cecierj, órgão vinculado à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação. A Fundação gerencia o Cederj, consórcio de universidades públicas do Rio de Janeiro que, há 20 anos oferece cursos de graduação a distância. Em entrevista ao **Jornal da AdUFRJ**, Bruna relata as dificuldades para fazer EaD, incentiva o contato entre professores e alunos durante a pandemia, mas critica as soluções “inadequadas” apresentadas para o ensino básico.

### Como é o seu trabalho?

● Faço a interface entre o professor e o restante da equipe da Cecierj — temos ilustradores, por exemplo — para transformar o conteúdo bruto em uma aula online, que é um tipo específico de peça de mídia. Trabalho a adaptação da linguagem e identifiquei lacunas de informação. Na aula presencial, quando um conteúdo não fica muito claro, o aluno pode levantar a mão, apresentar a dúvida e o professor complementa; no ensino a distância, não tem como ficar interrompendo e pedindo ajuda. Também sugiro recursos da plataforma virtual que o professor pode utilizar para o aluno verificar a compreensão, e realizar atividades.

### Quanto tempo é gasto para produzir uma aula de EaD?

● Não produzimos uma aula,



produzimos uma disciplina. Existe um trabalho prévio de planejamento, de qual vai ser o encadeamento das atividades, que não é dar conta de cada aula individualmente. Normalmente, não se consegue produzir uma disciplina em menos de quatro meses, entre a chegada do conteúdo, trabalho sobre o texto e as imagens adequadas, revisão, adequação da plataforma e o treinamento do mediador que vai tirar as dúvidas dos alunos. Dura esse tempo porque nenhum dos atores estará dedicado exclusivamente a essa disciplina. Eu trabalho com mais de uma ao mesmo tempo. Os professores também têm suas aulas presenciais. E isso não é uma particularidade do Cederj.

### Os cursos são 100% virtuais?

● Os cursos do Cederj funcio-

“ Não se consegue produzir uma disciplina em menos de quatro meses

nam nos mais de 30 polos espalhados pelo estado do Rio. Neles são oferecidas sessões de tutorias; a maioria, opcionais. Para algumas disciplinas, há muitas práticas de laboratório, que são obrigatórias. E existem as avaliações a distância e avaliações presenciais. As avaliações presenciais compõem 80% da nota.

### Esta parte presencial foi suspensa?

● As aulas e avaliações presenciais foram suspensas por volta de 15 de março. A determinação do Cederj foi que a primeira avaliação presencial seja também feita online. O que foi bastante controverso. Hoje, as avaliações a distância ficam abertas por bastante tempo, numa lógica de apresentação de trabalho. Agora, os professores estão combinando com os alunos disponibilizar o material como uma prova normal, todo mundo ao mesmo tempo e por um determinado período. Isso é experimental. Temos que ver se a plataforma vai dar conta de tantos acessos ao mesmo tempo e também a questão de “cola”. Nós já enfrentamos problemas nos prazos finais de entrega das avaliações. A plataforma fica sobrecarregada. O nosso sistema é bastante virtual, mas tem uma perna na presencialidade. Para nós, está

sendo difícil essa adaptação para ser 100% virtual.

### Seria possível oferecer todos os cursos de graduação neste formato?

● Não de uma hora para outra. De jeito nenhum. Além da questão do acesso dos alunos, existe essa forma diferente de interagir. É muito diferente a forma de comunicar em relação à que se dá na sala de aula.

### Os cursos oferecidos online poderiam absorver as turmas dos cursos presenciais?

● Vamos esbarrar numa questão técnica, pois os servidores da plataforma estão dimensionados para atender a uma quantidade de alunos, em torno de 40 mil. Em tese, poderiam. Mas isso também requer um esforço enorme de capacitar os mediadores. Tem que ver se vale a pena fazer isso, o que

Vara Federal de Brasília (DF).

### ENSINO PARTICULAR

Entre os educadores da rede particular básica e universitária, a situação também é bastante difícil. Elson Simões, diretor jurídico do Sinpro, que congrega os profissionais deste segmento, explica que a Medida Provisória nº 936 da redução da jornada e dos salários criou uma pressão imediata sobre a categoria para fazer EaD. O Sinpro está orientando os docentes a assinarem um contrato, no caso de cessão de imagem e voz, limitada ao período da pandemia e apenas para as turmas que o professor já ensinava: “Fizemos esse contrato para proteger um pouco o professor”, diz Elson.



PROFESSORES compartilham atividades nas redes sociais de suas escolas. A ideia é manter o vínculo, mas destacam que muitos alunos não possuem acesso à internet

# Os desafios dos educadores fora das salas de aula

KELVIN MELO  
kelvin@adufrrj.org.br

Gael, de apenas 2 anos, não sabe o que é coronavírus. Não tem noção do que está acontecendo no mundo. Fica feliz por estar mais tempo com os pais. Mas sente saudades de seus coleguinhas e do colégio, na Vila da Penha. “Às vezes, ele pega a mochila que está no guarda-roupa e coloca nas costas”, explica a mãe, Bianca Fernandes.

Para atenuar os efeitos do confinamento, a solução tem sido realizar atividades que os docentes postam no grupo virtual da escola. E, neste caso,

Gael representa um dos desafios que os educadores enfrentam fora das salas de aula.

A mãe de Gael entende do assunto. Ela também é professora da rede municipal, só que no EDI Buriti Congonhas, em Madureira. De forma espontânea, resolveu postar uma brincadeira com massinha caseira no grupo do Facebook da escola. Feliz com o retorno de alguns pais, decidiu incluir uma atividade por semana, o que incentivou outros docentes. “Não vemos isso como uma forma de EaD. Não houve pressão da direção da escola”, enfatiza. Bianca discorda de qualquer tentativa oficial para tornar obrigatória a educação a distância. “Creio que 70% dos meus alunos não

teriam nenhum acesso”, afirma. O Sindicato Estadual de Profissionais de Educação (Sepe) também não vê problemas em atividades espontâneas criadas entre professores e alunos. “É importante manter os vínculos, mas não é continuidade do ano letivo”, destaca Duda Quiroga, coordenadora do Sepe na capital.

O problema é a tentativa de imposição da EaD pelos governos estadual e municipal. “Não pode normatizar algo que ignore as condições concretas tanto dos alunos como dos professores. Temos de rediscutir o ano letivo quando sair da pandemia”, afirma Duda.

Na rede estadual, critica a dirigente, a secretaria de Edu-

cação tenta migrar as aulas para um ambiente virtual criado pela Google, o “Google Classroom”.

Para os docentes que acessam a ferramenta eletrônica, o sindicato solicita verificar a presença dos alunos. O objetivo é que o Sepe possa denunciar o número “limitado” de estudantes ao Ministério Público.

Na educação básica, técnica e tecnológica federal, a polêmica já foi judicializada. Algumas instituições de ensino vinculadas ao Ministério da Defesa estão exigindo o comparecimento de educadores para a realização de aulas online. O Sinasefe, sindicato dos profissionais do segmento, ingressou com uma ação contra a União na segunda-feira, 13. O caso está na 21ª

Vara Federal de Brasília (DF).

### ENSINO PARTICULAR

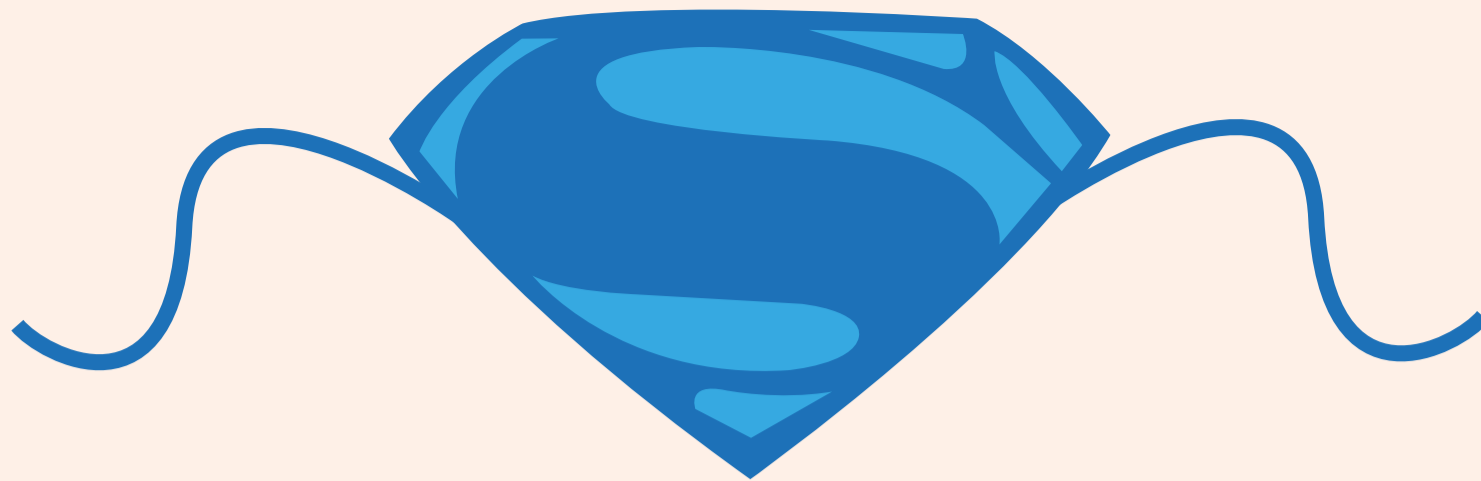
Entre os educadores da rede particular básica e universitária, a situação também é bastante difícil. Elson Simões, diretor jurídico do Sinpro, que congrega os profissionais deste segmento, explica que a Medida Provisória nº 936 da redução da jornada e dos salários criou uma pressão imediata sobre a categoria para fazer EaD. O Sinpro está orientando os docentes a assinarem um contrato, no caso de cessão de imagem e voz, limitada ao período da pandemia e apenas para as turmas que o professor já ensinava: “Fizemos esse contrato para proteger um pouco o professor”, diz Elson.

leva tempo. E, se quando ficar pronto, nós pudermos retornar à presencialidade?

### Como vê esse debate no ensino básico?

● As soluções que estão propondo são inadequadas. As escolas particulares têm a pressão de cobrar mensalidade. Com isso, apresentam qualquer coisa. E só 20% das matrículas são na rede privada. Essas famílias têm mais recursos, os pais têm maior nível educacional. Enquanto isso, a escola pública fica estigmatizada de ser lenta, de não querer fazer. Estamos ouvindo muitos relatos de pais enlouquecidos que, além de precisarem dar conta de seus trabalhos em casa, têm que atuar como tutores dos próprios filhos. Há interesses de muitas empresas em convencer todo mundo de que o caminho é esse. Eu acho cruel.





# DOUTORES DA VIDA

Viver. Podemos dizer que este é o verbo preferido da dona Giuseppina Nerozzi de Souza. Italiana de nascimento e brasileira de coração, a idosa de 94 anos venceu o coronavírus. Sobrevivente da II Guerra Mundial, onde atuou como enfermeira, ela contou com dedicados colegas, profissionais do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, para vencer esta batalha particular. Os heróis da UFRJ falaram ao **Jornal da AdUFRJ** sobre o caso e sobre como tem sido enfrentar a pandemia

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

**A**plausos calorosos quebraram o costumeiro silêncio no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, dia 8. Sorrisos e lágrimas escondidas por máscaras transbordavam a alegria pela recuperação de dona Giuseppina de Souza. A enfermeira aposentada recebia alta depois de 15 dias internada por coronavírus, dois deles no CTI.

As mãos que aplaudiram, cuidaram. Na equipe que atendeu dona Giuseppina estava uma jovem médica. Jéssica Thaianne Silva Dias, de 28 anos, é residente de infectologia do HU. Formada em Medicina pela Universidade Iguaçú, ela iniciou o trabalho no hospital em março.

A recuperação de dona Giuseppina traz esperanças de dias melhores. Sobretudo para Jéssica, que tem um irmão de 31 anos internado com Covid-19. “Ela renova nossa força para continuar. Vivemos um momento de tanta incerteza, um dia após o outro”, desabafa a médica. “Eu fiquei muito feliz, estive de perto olhando a evolução dela, e saber que ela pôde voltar para seus familiares é muito emocionante”.

Jéssica conta que dona Giuseppina se mostrou forte, mas que receber uma paciente aos 94 com coronavírus é um



**SOB APLAUSOS,** Dona Giuseppina deixa o Clementino reverenciada

desafio. “A Covid-19 é uma doença que já mostrou maiores complicações em pacientes mais idosos, então é sempre uma preocupação”, diz Jéssica.

A ilustre paciente não esmoreceu nem nos momentos mais críticos. “Era sempre muito falante. Contava várias histórias de como chegou ao país e da época em que trabalhava como enfermeira durante a segunda guerra. Uma história de vida inspiradora”, relembra Jéssica.

O aspecto emocional de pacientes com uma enfermidade pandêmica é também

uma preocupação do corpo clínico do hospital. “Dentro das nossas discussões sobre como manejar a doença, nós também discutimos como podemos reduzir o impacto psicológico para quem precisa permanecer internado. Então eu sempre converso com meus pacientes para tentar reduzir um pouco a ansiedade do isolamento”, explica.

O diretor da Divisão Médica, Alberto Chebabo, conta que toda a equipe ficou apreensiva com o quadro de saúde da paciente. “Muito idosa, inspirava muitos cuidados. Chegou infartando, ‘fez’ uma pneumonia bacteriana. Quase tivemos que entubar, mas conseguimos reverter”, comemora.

Ainda se sabe pouco sobre a doença, mas já é possível estimar que metade dos pacientes que precisam do CTI acabam morrendo em decorrência da Covid-19. A taxa é maior entre os mais idosos. “Ficamos positivamente surpreendidos, porque o caso tinha tudo para evoluir para a forma mais grave da doença, mas ela é muito forte”, elogia o médico.

Os profissionais de saúde do HU e de outros hospitais do país passam pelo maior desafio da carreira: salvar vidas e se manter saudáveis na pandemia. “Estamos sob muita pressão. Todo profissional de saúde tem também muito medo”, conta o experiente profissional. “Há exposição não só em relação aos pacientes, mas

entre colegas, que é quando não estamos com nossos EPIS”, explica.

O caso de dona Giuseppina deu novo fôlego à equipe do HU, que recebe número crescente de pacientes com suspeita da Covid-19. “A cada pessoa que a gente consegue salvar, dá mais ânimo e certeza de que podemos fazer a diferença para muitas pessoas”, conclui Chebabo.

“Os casos já começaram a chegar”, reforça o diretor do hospital, professor Marcos Freire. “A dedicação de todo o grupo tem sido fundamental para a gente conseguir cumprir nosso compromisso com a saúde. Ver a paciente sair daqui sob aplausos nos encoraja a enfrentar o que ainda está por vir”, afirma.

De acordo com Freire, a equipe segue se aperfeiçoando para atender, sobretudo, os casos mais graves. “Estamos preparando o hospital. Somos referência para atendimento de média e alta complexidades. Então, pela capacitação do nosso corpo clínico, espera-se receber muitos pacientes graves durante essa crise”, explica.

O Clementino atende casos encaminhados pelas secretarias municipal e estadual de saúde, além de pacientes que possuem prontuário na unidade. A coleta da amostra para o exame de Covid-19 é feita no HU e a testagem, no Laboratório de Virologia Molecular, do Instituto de Biologia.

## DOCENTES ANALISAM SUBSTITUIÇÃO DE MANDETTA POR TEICH

ANA BEATRIZ MAGNO E LUCAS ABREU  
anabiamagno@adufrrj.org.br

Professores do grupo especial de combate ao coronavírus da UFRJ avaliam a nomeação do novo ministro da Saúde, Nelson Luiz Sperle Teich. “Precisamos esperar para ver como ele vai chegar. Se ele entra agachado ou altivo para chefiar o Ministério”, pondera a professora Lígia Bahia, médica e uma das maiores especialistas do Brasil em Saúde Coletiva. “A questão é que ele não tem nenhuma experiência em saúde pública. Nunca pisou no SUS”. Anunciado na tarde de quinta-feira para substituir Luiz Henrique Mandetta, o oncolologista formado na Uerj é um “bem-sucedido” empresário do ramo de tecnologia hospitalar, dono da Teich Health Care, consultoria de serviços médicos. Ele assume o comando do combate ao coronavírus justamente na semana em que a pandemia começa a explodir no Brasil. “Ele entra como um timoneiro que chega quando o Titanic já está afundando”, afirma Lígia. O novo ministro tem 62 anos, não é político,

mas participou da equipe que montou o plano de governo de Bolsonaro. Ele entra em cena numa feroz disputa política entre a visão pró-isolamento de Mandetta contra as posições anticientíficas do presidente Bolsonaro que, desde o início da pandemia, defende que a doença é apenas uma gripezinha e que a normalidade deve voltar para a economia se restabelecer. “Teich não é a favor do isolamento vertical. Ele não é um terraplanista, não podemos ser sectários nem fulanizar a questão. Mas nós, defensores do SUS e da saúde pública, não descansaremos na vigilância. Não bato panela por Mandetta, um político do DEM, nem aplaudo Teich previamente. Quero ver antes”, resume a docente da UFRJ. “Nem ele nem Mandetta jamais foram defensores do SUS. Mas agora ele vai ter que defender. Só o SUS tem a magnitude necessária para atuar na pandemia”, resume a médica e reitora da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho. “A UFRJ espera que o ministro respeite o SUS, a Ciência e os hospitais universitários, como elementos estratégicos de combate à epidemia”, completa.

### DEPOIMENTO

ALBERTO CHEBABO DIRETOR DA DIVISÃO MÉDICA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO



“Temos de esperar para ver o que vai acontecer. Estávamos no caminho certo com o grupo do Mandetta, Wanderson e demais membros da equipe. Nós concordamos

com a necessidade das medidas de distanciamento social. Existiram problemas? Sim. A gente não tem a capacidade de teste, por exemplo, mas não por culpa deste ou de outro ministro, mas porque a política para a pandemia deveria ter sido implementada antes da crise, não investimos no momento certo. Mas a condução da epidemia estava dentro do que a Ciência recomenda, dentro do que mostram as evidências científicas. O Brasil tem uma grande vantagem, que é a de estar atrás em relação ao resto dos países. Então podemos aproveitar

e ver o que aconteceu em outros países, o que deu certo, o que deu errado, para tomarmos decisões aqui.

Conheci o Nelson Teich há muitos anos. É uma pessoa muito inteligente, muito preparada. Ele nunca trabalhou na área pública, mas isso pode não ser um problema. Vai depender da equipe que ele montar, técnica, preparada. Já tivemos políticos no ministério que souberam montar sua equipe e fizeram uma grande gestão, e médicos do SUS que não souberam. Teich é um excelente gestor.

O grande problema é que quem sai, sai parecendo o perdedor, e é justamente o lado que estava tomando as ações corretas. A população pode interpretar isso como um sinal de que ele não estava certo, e sim o presidente. É importante que o Nelson tome uma decisão imediata de apoio ao isolamento social.”